

Edite Azevedo

Assunto: FW: Parecer sobre Parecer sobre fortificações
Anexos: parecer fortes.pdf

De: Francisco Miguel Nogueira <franciscomgl@gmail.com>
Enviada: 13 de julho de 2020 15:12
Para: Assuntos Parlamentares <assuntosparlamentares@alra.pt>
Assunto: Parecer sobre Parecer sobre fortificações

Boa tarde,

Como pedido, em anexo envio o meu parecer sobre o projeto de resolução "Recuperação, consolidação e dinamização do património material com interesse histórico de natureza militar na Região Autónoma dos Açores".

Atenciosamente,

Francisco Miguel Nogueira,
Historiador/Investigador

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES	
ARQUIVO	
Entrada 1841	Proc. n.º 109
Data: 020 / 07 / 20	N.º 185 / 21

Parecer

A importância da dinamização, preservação e recuperação do nosso património é um problema crescente, pois são estes vestígios da nossa História que nos contam as façanhas, as aventuras e desventuras dos nossos antepassados, por isso a importância do Projeto de Resolução “Recuperação, consolidação e dinamização do património material com interesse histórico de natureza militar na Região Autónoma dos Açores”, apresentado pelo Bloco de Esquerda.

Os Açores têm uma riqueza e importância vitais na História do nosso país. Podemos e devemos potenciar esta relevância, lembrando o papel que a Região teve ao longo dos tempos. Assim sendo, não podemos deixar desaparecer o que ainda resta do património histórico militar da Região. Nos Açores em geral, na Terceira em particular, é preciso salvaguardar os “tesouros” construídos pelos nossos egrégios avós. Um povo sem memória é um povo sem cultura e não podemos deixar “morrer”, desaparecer, o património que foi deixado para nós e que é o retrato vivo da ação que aconteceu nesta região ao longo dos tempos.

É neste momento, no agora, antes que o tempo leve e destrua ainda mais património, que precisamos olhar para os bens que nos rodeiam e preservá-los, dar vida a eles, mostrar que a História importa, que o passado importa, para que se perceba que não podemos entender o hoje, sem olhar para trás e saber o ontem, daí que reabilitar e dinamizar as fortificações militares dos Açores seja um trabalho cada vez mais urgente. Não podemos deixar que mais tempo passe pois mais vestígios dos fortes vão-se perdendo com esta indiferença, com esta espera. Ter um grupo de trabalho multidisciplinar e especializado é essencial neste momento para que haja uma equipa capaz de apresentar as melhores decisões a serem tomadas quanto à preservação, recuperação e até dinamização das fortificações açorianas. Este trabalho precisa ser uma parceria entre o Governo Regional e as Autarquias locais. Não podemos esquecer que embora os Fortes sejam um vestígio do passado, é um conjunto patrimonial que pode revitalizar o turismo e a cultura dos Açores, daí a urgência em que se comece a preparar uma equipa para a salvaguarda dos “vestígios” do nosso passado.

No Projeto de Resolução “Recuperação, consolidação e dinamização do património material com interesse histórico de natureza militar na Região Autónoma dos Açores” apresenta-se a ideia da criação de Centros de Interpretação sobre os fortes nas variadas

Ilhas dos Açores, o que é um plano muito interessante e coerente com a dinamização dos Fortes. Estes Centros, tendo as plantas dos Fortes, com uma réplica em 3D de um forte, de como era feita a defesa, o que existia dentro do Forte, era algo atrativo para todos. Podia-se até encenar o funcionamento de um forte durante um ataque pirata, para assim se aproveitar os recursos, preservando o património para depois dinamizá-lo. Os Centros acabariam por ser um pólo dinamizador para se recuperar os Fortes e para se conseguir dar vida a este espaço. Recuperar só por isso não é suficiente, é necessário que haja esta preservação mas também uma dinamização dos espaços, trazendo um pouco do passado para os dias de hoje, fazendo os visitantes viajar no tempo e conhecer um pouco melhor o meio onde estão. Há várias zonas do país, sobretudo na raia, onde existe muitas fortificações e estas têm uma dinamização muito interessante, tal como acontece com Elvas e o seu Forte, transformado em Museu Militar e que tem várias atividades que cativam e trazem vários visitantes ao espaço. Esta ideia seria uma mais-valia para os fortes serem recuperados e para trazer para o século XXI, o funcionamento das fortificações, fazer o visitante vibrar com os ataques que ocorriam nestes espaços.

Os fortes fazem parte da História da Terceira e tiveram um papel indelével no desenrolar dos acontecimentos na Ilha. Os Fortes contam-nos episódios diversos, sobretudo de defesa da Ilha, primeiro de piratas e corsários de outras potências marítimas, depois de invasões, quer estrangeiras, quer nacionais. São vestígios de momentos em que a Terceira era um ponto de escala essencial no Atlântico Norte. Em 1567, o arquiteto e engenheiro militar Tommaso Benedetto traçou o plano de defesa da Terceira e iniciou-se a construção de alguns fortes, mas a maior parte só foi construída durante a crise de sucessão entre 1579 e 1583, num momento em que a sua existência era essencial para a manutenção do que era defendido na Ilha: a independência face a Espanha. A partir destas datas, os fortes foram cruciais para a defesa da Ilha, estando a sua história ligada aos acontecimentos que se passaram na Ilha durante mais de 3 séculos, como por exemplo na Batalha da Salga ou na Batalha 11 de agosto de 1829. Por tudo isso, a linha de fortes da Ilha Terceira é um património histórico a ser preservado não só pela sua importância militar como pelo seu papel no desenrolar da História da Ilha.

A Casa da Salga é um “tesouro” da nossa História, não só local, como regional e nacional, por isso não podemos deixar que se perca. Concordo com a ideia que a Quinta da Salga poderia ter um espaço museológico sobre a Batalha da Salga e sobre a defesa da Ilha dos Castelhanos, além disso ter um centro de interpretação, com recriações históricas da

Batalha da Salga (1581) e do Desembarque da Baía das Mós (1583), o “dar vida” a personagens daquele tempo, mesmo que algumas têm ganho mais forma de lenda, como o caso de Brianda Pereira, ter um Ciprião de Figueiredo, uma Violante do Canto, entre tantos outros. E estas recriações de personalidades existiriam todo ano, para que as escolas também pudessem trazer os seus alunos, com isso, aproximar o Passado do Presente, fazendo o jovem interessar-se e querer saber mais sobre o tema. É claro que a 25 de julho, data da Batalha da Salga, esta recriação teria de ser algo mais marcante, um acontecimento, que envolvesse até os militares dos vários ramos das Forças Armadas e quem sabe até espanhóis para dar realidade ao evento. Para isso acontecer, terá de haver uma equipa multidisciplinar na Casa da Salga e uma colaboração entre os vários órgãos de poder e a família Merens de Távora para se puder dar continuidade à salvaguarda do nosso Património vivo e a um espaço que é simbolicamente um “chama” viva da luta contra os espanhóis na Batalha da Salga, ao mesmo tempo que é “tesouro” real do nosso património.

Utilizar um espaço cheio de histórias vivas para ser dinamizado para ser um Museu interativo é deveras interessante e importante. Além de assim se recuperar a Casa da Salga, consegue-se que o espaço se transforme em um ponto de referência e de visita obrigatório na Ilha. O facto da Quinta da Salga ser privada pode ser um problema mas se houver uma colaboração com a família, um acordo será possível para que o espaço seja recuperado e dinamizado para o futuro. A família quer, obviamente, que se preserve o espaço e está disponível a uma negociação que beneficie a Casa da Salga da completa ruína e, sobretudo, do esquecimento de todos nós.

Todo o Projeto do Bloco de Esquerda, feito com parcerias entre os vários órgãos e um empenho na defesa do que é nosso, é muito viável para a nossa Cultura e para a dinamização do nosso Património. Não é um capricho proteger a nossa História, é um dever para a nossa Memória e para o Turismo, que sairia reforçado com a procura em aproximar o que temos, com o que podemos oferecer, espaços históricos, interessantes e que nos façam “viajar no tempo”.

Não devemos deixar que parte importante da nossa riqueza patrimonial e que é também um importante símbolo da nossa Cultura, da nossa ação ao longo dos séculos, desapareça. Não podemos deixar que estes tesouros desapareçam de vez, temos de trazer à Memória de todos a importância da nossa História, do nosso Património, da importância na preservação, recuperação e dinamização dos Fortes dos Açores e o Projeto de Resolução

do Bloco de Esquerda é um plano muito potenciador deste objetivo e necessário neste momento em que os bens estão-se a perder e não se deve deixar que isso aconteça para o bem da nossa Cultura.

Fontinhas, 13 de julho de 2020

Francisco Miguel Nogueira